F.3 – Número de internações hospitalares (SUS) por habitante

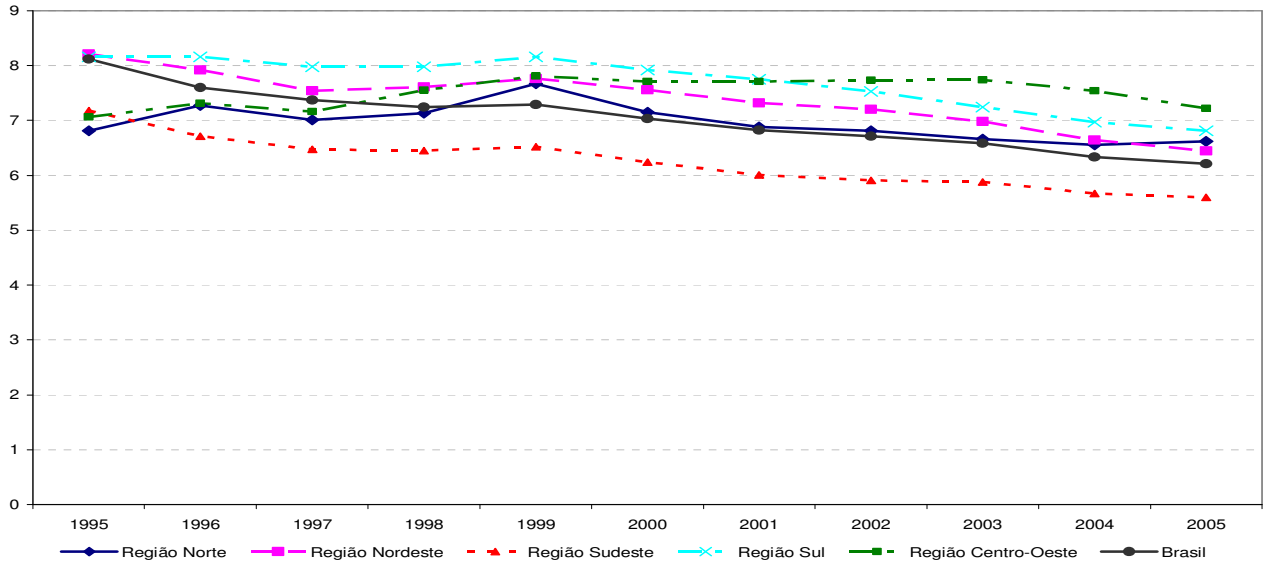
Limitações: Inclui apenas as internações pagas, não todas as que foram efetivamente realizadas pelo SUS, em função de limites definidos na programação física e financeira do SUS.
Há possibilidade de subnotificação do número de internações realizadas em hospitais públicos financiados por transferência direta de recursos e não por produção de serviços.
Desconsidera as internações realizadas em unidades hospitalares sem vínculo com o SUS, embora o denominador seja a população total. Não estão contabilizadas, portanto, as internações que correspondem à saúde suplementar (cooperativa médica, medicina de grupo, auto-gestão e seguradora), à assistência aos servidores públicos civis e militares, a recursos próprios da unidade de internação e a serviços prestados mediante desembolso direto (exclusivamente privados).

Comentários: O gráfico 9 mostra a evolução da taxa de internação hospitalar no SUS por habitante no período considerado de 1995 a 2005. Observa-se uma tendência decrescente significativa no número de internações por habitantes. De forma geral, em 1995 tanto para o Brasil quanto para as Grandes Regiões, a taxa de internação variou de 6,81 na Região Norte a 8,21 na Região Nordeste e, em 2005 decresceu variando de 5,60 na Região Sudeste a 6,21 para o país.

No Brasil, em 1999, a taxa era de 8,12 por habitantes e em 2005 decresceu para 6,12. Todas as regiões oscilam, ao longo do período, em torno dos valores nacionais. Entretanto, a Região Sudeste foi a que apresentou menores taxas ao longo da série histórica, quando comparada às demais regiões. Em 1999 obteve 7,18 internações por habitante e, ao fim do período contava com 5,16 internações.

Em contrapartida, a Região Sul, até o ano de 2001 mostrou as taxas mais elevadas de internações SUS. A partir deste ano é a Região Centro-Oeste que passa a deter taxas mais elevadas, com valor de 7,73 internações por habitantes e terminando o período com taxa de 7,22 por habitantes.

Gráfico 9 - Número de internações hospitalares (SUS) / 100 habitantes. Brasil e Grandes Regiões, 1995-2005.



Em média, a Região Norte apresentou, ao longo da série histórica, 6,96 internações por 100 habitantes, ao passo que na Região Nordeste este valor chegou a 7,38. Na Região Sul o valor médio foi de 7,50 enquanto na Região Centro-Oeste foi de 7,70. A Região Sudeste foi a que apresentou menor taxa de internação no SUS, com valor médio do período de 6,24.

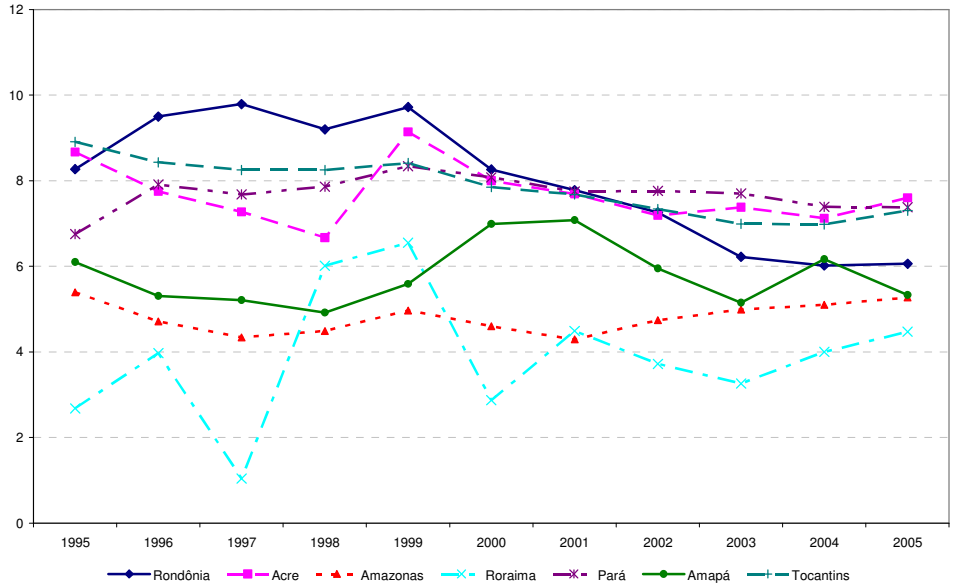
Na Região Norte, ao longo da série histórica, houve grande variação nas internações do SUS por habitante, conforme mostrado no gráfico 10 .

O estado de Roraima inicia o período com 2,68 internações, apresentando, no ano seguinte, aumento para 3,97. Entretanto, em 1997, a taxa de internação decresce para 1,04, decorrente de subnotificação das guias de internação no SIHSUS, dados podem ser verificados no extrator de dados do TABNET. A partir do ano 2000, a curva começa a se estabilizar, terminando o período com 4,47 internações por habitante.

O estado do Acre, assim como Roraima, apresenta grande variação no indicador até o ano 2000, quando a partir deste ano sua curva de tendência começa a se estabilizar. Apenas os estado do Amazonas, Amapá e Tocantins apresentam curvas com menos oscilações. Os estados do Amapá e Rondônia mostram, até o ano 2000, curvas de tendências opostas.

O Estado do Amapá inicia a série histórica com uma taxa de 6,1 internações por habitantes e a partir de 1996 a 1999 mostra decréscimo nas taxas, com valores de 5,31, 5,21, 4,92 e 5,59. A partir do ano 2000, houve um aumento para 6,99 internações por habitantes, sendo que, a partir deste ano, a série tende a mostrar mais estabilidade. O Estado de Rondônia inicia a série com uma taxa de 8,27 internações, mostrando aumento progressivo da taxa até o ano de 1999. A partir de 2000, assim como observado nos estados, a curva de tendência parece apresentar maior estabilidade.

Gráfico 10 - Número de internações hospitalares (SUS) / 100 habitantes. Região Norte, 1995-2005.



Na Região Centro-Oeste observa-se uma tendência crescente e também decrescente nas taxas de internações por habitantes para todas as localidades consideradas. Mato Grosso do Sul, até o ano de 2002, mostrou discreta tendência de crescimento da taxa de internação cujo valor alcançou 8,86 e, a partir de 2003 a taxa apresenta decréscimo até o último ano da série histórica.

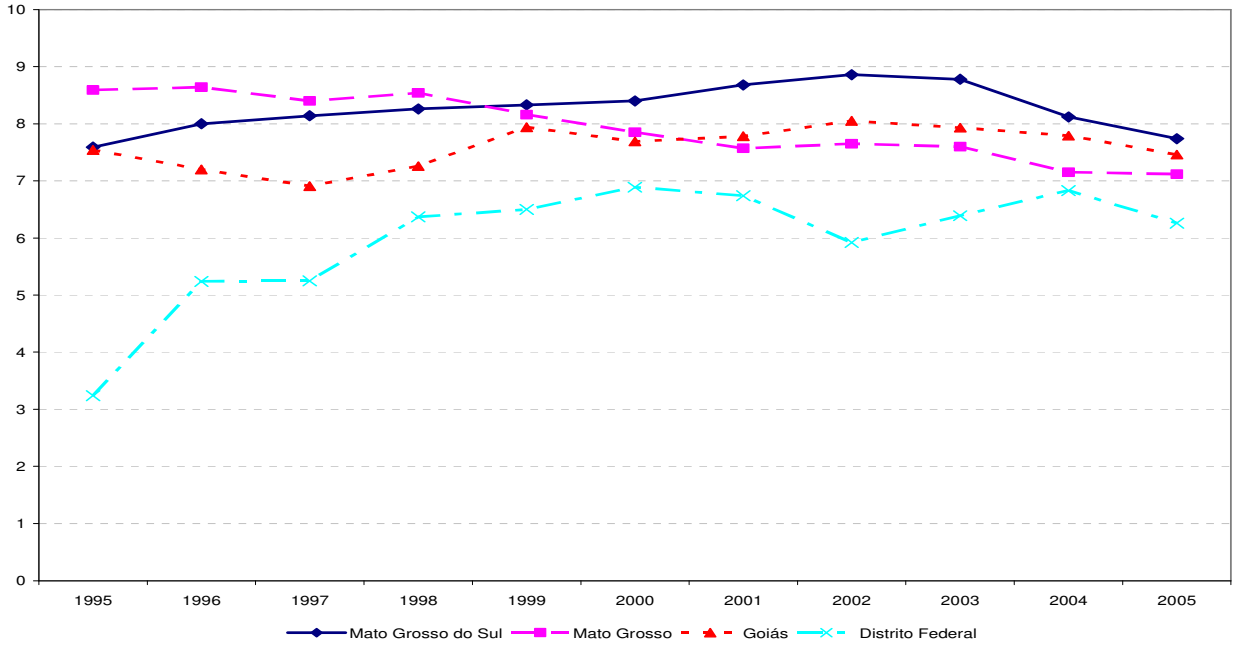
O Estado de Mato Grosso foi o estado que mais mostrou declínio na taxa de internação quando comparado as demais localidades, iniciando o período com 8,59 internações SUS por habitante e, no último ano da série obteve uma taxa de 7,12 internações.

O Estado de Goiás, em 1995 detinha uma taxa de internação muito similar ao Estado de Mato Grosso do Sul, com valor de 7,54 internações SUS por habitante. Em 1997 esta taxa atinge o menor valor do

período, chegando a 6,91. A partir de 1999, as taxas anuais oscilam em torno de 7,80 internações, chegando, ao final da série histórica, com uma taxa de 7,46.

O Distrito Federal, no início do período apresentava taxa de internação de 3,24 por habitantes, valor bem inferior aos outros Estados, entretanto é possível observar o crescimento bem significativo de suas taxas já a partir de 1996, ainda que tenha terminado o período com valor inferior na taxa de internação, quando comparado às demais localidades da região.

Gráfico 11 - Número de internações hospitalares (SUS) / 100 habitantes. Região Centro-Oeste, 1995-2005.



Em números absolutos, observa-se uma evolução significativa nas internações SUS no Estado do Mato Grosso do Sul, passando de 145.256 internações em 1995 para 190.455 em 2003. Entretanto, nos anos de 2004 e 2005 as internações SUS decresceram, passando para 181.233 e 175.337, respectivamente.

No Estado de Goiás, as internações no SUS, em 1996, foram na ordem de 324.861, entretanto, no ano seguinte este número cai para 320.823 e, em 1998 mostra crescimento, cujo valor alcançou 344.233 internações.

No Distrito Federal observa-se que, entre 1995 e 1996, o salto no número de internações foi significativo, passando de 56.224 para 95.529 internações, e esta tendência de aumento mostra-se para todos os anos seguintes da série histórica.